

## **Desafios asiáticos à inserção tardia no sistema internacional capitalista**

Lui Martinez Laskowski

Antes de analisar os desafios enfrentados pelos Estados asiáticos, é importante ressaltar que a Ásia, antes de sua entrada forçosa e submissa num sistema que lhe era estranho, tinha seu próprio sistema internacional em campo - um sistema tributário sem a igualdade formal entre Estados do sistema westphaliano<sup>1</sup>, no qual a China, em maior ou menor medida, sempre esteve ao centro<sup>2</sup>.

O primeiro desafio a se apresentar à região, a partir da segunda metade do século XIX, incluiu guerras de submissão (como as guerras de motivação comercial entre o Reino Unido e a China<sup>3</sup>) e tentativas falhas de subjugação (como a França, por diversas décadas, na Indochina<sup>4</sup>), situações nas quais a Ásia mostrou que não estava plenamente de acordo com o novo sistema - o tom com o qual a Corte Imperial chinesa se referia às nações europeias em suas investidas diplomáticas mostrava que o sistema antigo ainda vivia na cultura da região<sup>5</sup>.

Frente à dominação colonial que se seguiu em algumas regiões, a Ásia buscou soluções diferentes. Movimentos nacionalistas, lutas de libertação nacional e um componente revolucionário estiveram entre estes, especialmente no Vietnã, que desde suas tentativas de libertar-se da França no final do século XIX esteve em guerra quase ininterrupta até a invasão chinesa em 1979<sup>6</sup>.

Em outros, a dominação europeia chegou de outras formas - especialmente nos “tratados iníquos”, resultado de guerras por mercados e privilégios que diversos Estados preexistentes foram forçados a assinar<sup>7</sup>. Nestes tratados, exclusividades comerciais e extraterritorialidade de Estados europeus eram comuns<sup>8</sup>.

Para a China, tratar com outros Estados em pé de igualdade era um retrocesso<sup>9</sup>, e a queda da monarquia, guerra civil, resistência contra invasores e revolução foram um processo muito longo de adaptação que não conheceu a estabilidade. Para o Japão, porém, a Restauração

---

<sup>1</sup> KISSINGER, Henry. *Rumo a uma ordem asiática: confronto ou parceria?*

<sup>2</sup> AMIN, Samir. *O papel da Ásia Central no sistema tributário do mundo antigo.*

<sup>3</sup> PANIKKAR, Kavalam Madhava. *Índia, Sudeste Asiático e Sião.*

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> KISSINGER. Op. cit.

<sup>6</sup> PANNIKAR. Op. cit.

<sup>7</sup> PANNIKAR, Op. cit; MAGNO, Bruno. *Contexto histórico e antecedentes da segunda guerra sino-japonesa: o nível estratégico.*

<sup>8</sup> PANNIKAR. Op. cit.

<sup>9</sup> VISENTINI, Paulo Fagundes. *O desenvolvimento asiático e a multipolaridade (1971-2011).*

Meiji na guerra Boshin (1868) levou a uma nova unidade nacional que, embora ainda subordinada, logo buscou o desenvolvimento nos moldes do novo sistema internacional que fora levado a adotar. Seu exército foi unificado e modernizado ao padrão europeu de infantaria de linha, e seu desenvolvimento econômico, na virada do século XX, deu frutos conforme as potências europeias reconheceram, gradualmente, uma potência no Japão imperial, que foi capaz de denunciar os tratados iníquos<sup>10</sup>.

A guerra russo-japonesa teve grande efeito sobre os movimentos de libertação da região, pois uma nação asiática derrotara, pela primeira vez, uma potência europeia. Após a expansão para a Manchúria em 1931<sup>11</sup>, o controle político civil interno foi gradualmente sendo erodido, porém, levando a uma cratocracia que causou o próximo desafio: as guerras internacionais. A ausência do equilíbrio de forças é uma das formas de analisar seu surgimento. A guerra sino-japonesa foi a maior delas, e a China reagiu com um turbilhão político interno, conforme as fileiras nacionalistas se aliavam aos comunistas contra os japoneses, e então voltavam a persegui-los<sup>12</sup>. A China foi capaz de resistir empregando uma guerra defensiva e buscando atrasar ao máximo o avanço japonês - a vitória em batalha, no momento, não era viável<sup>13</sup>.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial - outro desafio do qual o Japão não saiu vitorioso, tendo julgado mal a importância do poder aeronaval como centro da dominação dos mares e se estendido por dois fronts<sup>14</sup> - as zonas de influência Leste-Oeste que logo se formaram representaram ainda outro desafio. Os EUA pretendiam que a China se tornasse seu principal aliado na região, mas a revolução de 1949 mudou completamente o cenário e levou a investimentos no Japão para fazer das ilhas japonesas o aliado crucial. A guerra da Coreia opôs comunistas apoiados pela China e sul-coreanos apoiados pelo ocidente, e a paz ainda não foi assinada. Desafios de fontes similares surgiram no Vietnã, Laos e Camboja<sup>15</sup>, e, especialmente, entre a China e a União Soviética<sup>16</sup> - uma ruptura que, após uma reaproximação entre China e EUA, representou ainda outra entrada tardia no sistema internacional, encerrando gradualmente o isolacionismo chinês, num processo que se acelerou com a ascensão de Deng Xiaoping em 1978<sup>17</sup>.

---

<sup>10</sup> MAGNO. Op. cit.

<sup>11</sup> MAGNO. Op. cit.

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> MAGNO, Bruno. *Pearl Harbor e Midway: análise dos equívocos estratégicos e operacionais do almirante Yamamoto Isoroku*.

<sup>15</sup> VISENTINI, Paulo Fagundes. *A revolução vietnamita e os movimentos de libertação nacional da Indochina*.

<sup>16</sup> KISSINGER, Henry. *A diplomacia triangular de Nixon*.

<sup>17</sup> KISSINGER, Henry. *Rumo a uma ordem asiática: conflito ou parceria?*

Já a busca pelo desenvolvimento econômico da região foi enfrentada pelo Japão de uma forma que alteraria todo o cenário asiático. A “revoada dos gansos”<sup>18</sup> representou uma indústria japonesa que realocava suas “fases anteriores”, com menos valor agregado, para outros países asiáticos - os que se tornaram os Tigres<sup>19</sup>. Até mesmo a China reformada se beneficiou desse processo. Este esquema de subcontratação internacional de etapas produtivas levou ao desenvolvimento gradual dos países aos quais as etapas anteriores eram alocadas, num processo que, hoje, começou a atingir o Sudeste Asiático conforme os Tigres avançaram etapas em seu desenvolvimento industrial<sup>20</sup>; porém, também cria um cenário de interdependência econômica que pode levar ao rápido alastramento de crises, como foi o caso da Crise Asiática de 1997<sup>21</sup>.

Certos desafios que continuam a ser enfrentados são a soberania limitada, como é o caso do Japão e da Coreia do Sul, que ainda têm tropas americanas em seu território e, portanto, não têm plena margem de atuação em sua política externa. Estes países não têm se oposto à presença americana, mas o Japão tem se remilitarizado de forma a, ao menos em parte, reduzir sua absoluta dependência dos EUA na defesa internacional. Este processo se acelerou conforme a doutrina Nixon, que limitava a interferência americana direta<sup>22</sup>, foi tornada ainda mais limitada pela estratégia posterior do governo Trump, a NSS.

A ausência de espaços econômicos desenvolvidos - ou seja, mercados e indústrias - em certas regiões levou a China a, na administração de Xi Jinping, lançar o projeto da *Belt and Road Initiative*, com o objetivo de firmar parcerias e avançar imensos projetos infraestruturais por toda a Ásia Central, bem como por outras regiões que conectam a China à África, ao Subcontinente e à Europa, bem como as porções marítimas da Rota<sup>23</sup>.

Nesse cenário, conforme a China se desenvolve cada vez mais e passa a ser capaz de fazer frente a potências ocidentais, os EUA mudaram sua postura frente à relação com outras potências, especialmente China e Rússia. Em um abandono material do excepcionalismo, os EUA não mais buscam o papel de “policia do mundo” que tiveram durante o período unipolar, mas veem o mundo como competição entre grandes potências<sup>24</sup>. Isso levou a três

---

<sup>18</sup> ARRIGHI. *Ascensão do Leste asiático: aspectos regionais e sistêmicos mundiais*.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> VISENTINI, Paulo Fagundes. *O desenvolvimento asiático e a multipolaridade (1971-2011)*.

<sup>22</sup> KISSINGER, Henry. *A diplomacia triangular de Nixon*.

<sup>23</sup> PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos. *A nova rota da seda e recriação do sistema sinocêntrico*.

<sup>24</sup> PECEQUILO, LOPES

grandes desafios: a contenção da Rússia e China, a guerra comercial e a contenção da China<sup>25</sup> através de tratados e parcerias na região que a excluam. A China enfrentou os tratados firmando os seus próprios<sup>26</sup>; e enfrentou a contenção securitária, buscando projetar através do discurso a imagem da “ascensão pacífica”, numa tentativa de reduzir a resistência ocidental<sup>27</sup>. A Rússia enfrentou a contenção americana e por parte da OTAN de outras formas - a crise da Crimeia, em 2014, representou uma “linha na areia”. Diversas micro e macroviolações dessa linha a levaram a invadir a Ucrânia em 2022, além de fazer ajustes nas formas como vende petróleo e energia - agora cobrados em rublos, em bancos russos, numa política que objetivamente enfraquece o dólar, ainda que este enfraquecimento possa ser muito pequeno.

Na Ásia do século XXI, ainda extremamente interconectada e que investe na integração infraestrutural, a estabilidade é fundamental. Para enfrentar a instabilidade e os “três males” - separatismo, terrorismo e fundamentalismo<sup>28</sup> - foi criada a OCX, que recentemente tem se mostrado também como um fórum de cooperação em outras áreas<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> KISSINGER. O novo milênio.

<sup>26</sup> MARTINS.

<sup>27</sup> KISSINGER. O novo milênio.

<sup>28</sup> PAUTASSO, UNGARETTI. Op. cit.; RIBEIRO, Erik Herejk; VIEIRA, Maria Gabriela. *Índia e Paquistão na Organização para a Cooperação de Xangai: a busca por estabilidade política e integração na Ásia.*

<sup>29</sup> RIBEIRO, VIEIRA. Op. cit.